

**ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA  
EM “O SUMIÇO DA SANTA” E “JUBIABÁ”:  
UM ESTUDO LEXEMÁTICO**

*Luana Cristine da Silva* (UNEB)<sup>9</sup>

[luachriss@gmail.com](mailto:luachriss@gmail.com)

*Maria da Conceição Reis Teixeira* (UNEB)

[conceicaoreis@terra.com.br](mailto:conceicaoreis@terra.com.br)

**RESUMO**

Nesta comunicação, objetiva-se analisar o vocabulário designativo dos elementos da religiosidade afro-brasileira utilizado pelo escritor baiano Jorge Amado nos romances *Jubiabá* (1935) e *O sumiço da Santa* (1988). Acredita-se que a realização de tal estudo possa evidenciar como a linguagem expressa aspectos da cultura religiosa de matriz africana. Proposta pelo linguista romeno Eugenio Coseriu (1977), a teoria dos Campos Lexicais foi utilizada como base teórica para a investigação e a organização das lexias, as quais foram agrupadas em campo conceitual comum a partir das relações de significado. Ademais, a seleção do *corpus* contou com o auxílio da ferramenta computacional AntConc (2014), ancorada na Linguística de *Corpus*. A amostra analisada incide sobre as lexias pertencentes ao macrocampo da religiosidade que foram subdivididas em três macrocampos, a saber: da culinária votiva, dos instrumentos rituais e da hierarquia dos membros.

**Palavras-chave:**

Lexicologia. Campos Lexicais. Religiosidade Afro-Brasileira.

**ABSTRACT**

This communication aims to analyze the vocabulary designating the elements of Afro-Brazilian religiosity used by the Bahian writer Jorge Amado in the novels *Jubiabá* (1935) and *O sumiço da Santa* (1988). The aim of this study is to highlight how language can express aspects of religious culture of African origin. Proposed by the Romanian linguist Eugenio Coseriu (1977), the theory of Lexical Fields was used as a theoretical basis for the investigation and organization of lexias, which were grouped into a common conceptual field based on meaning relationships. Furthermore, the corpus selection was aided by the computational tool AntConc (2014), anchored in Corpus Linguistics. The analyzed sample focuses on the lexias belonging to the macro field of religiosity, which were subdivided into three micro fields, namely: votive cuisine, ritual instruments and the hierarchy of members.

**Keywords:**

Lexical Fields. Afro-Brazilian Religiosity. Lexicology.

---

<sup>9</sup> Agradeço à FAPESB pelo financiamento da pesquisa.

## 1. *Considerações iniciais*

Jorge Amado é considerado um escritor do povo, pois, além de ser um dos maiores autores da literatura brasileira, foi amante e defensor da cultura baiana. Nesse sentido, seus romances buscaram abordar temas regionais concomitantes à época de publicação, mas também o que testemunhava nos cultos da religião que o acolheu: o Candomblé.

Por isso, a religiosidade afro-brasileira é o objeto deste estudo lexicográfico. Temos como objetivo analisar o vocabulário de Jorge Amado em dois romances, “O sumiço da Santa” e “Jubiabá”, para reconhecer os elementos representativos das religiões de matriz africana através de lexis do campo da religiosidade.

O estudo do vocabulário permite o conhecimento da linguagem como uma expressão cultural e social de determinada comunidade. Neste caso, as duas obras evidenciam costumes e crenças da sociedade baiana. Ademais, utilizamos a Teoria dos Campos Lexicais como suporte teórico e metodológico para organizar e analisar as 50 lexis relativas ao campo da religiosidade, selecionadas com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc* (2014).

No que diz respeito a organização da presente comunicação, além das considerações iniciais e das considerações finais, discorreremos sobre a pesquisa em mais três seções. A segunda, “Os romances em análise”, apresentam em duas subseções os dois romances escolhidos por ordem de publicação, “Jubiabá” e “O sumiço da Santa”, respectivamente. A terceira, intitulada “Teoria dos Campos Lexicais”, faz um breve resumo do embasamento teórico e ainda uma subseção para descrever a metodologia utilizada. Na quarta e última seção, “Campo lexical da religiosidade: análise e classificação”, analisamos e organizamos hierarquicamente as lexis em subcampos da culinária votiva, dos instrumentos rituais e da hierarquia dos membros.

## 2. *“Jubiabá” e “O sumiço da Santa”*

Os critérios para a escolha dos dois romances na análise dos aspectos relativos à religiosidade afro-brasileira se dão, em primeiro lugar, pela temática abordada por cada um. “Jubiabá”, publicado em 1935, é um romance de formação e narra a trajetória de vida de Antônio Balduino da infância até a fase adulta, um dos primeiros protagonistas negros da literatura brasileira. A influência das religiões de matriz africana, caracterís-

tica que passou a ser uma das marcas das histórias Amadianas, é representada pelo pai de santo que nomeia o romance, fundamental para o crescimento identitário e cultural de Baldo.

Já “O sumiço da Santa”, publicado em 1988, mescla personagens marcantes e o misticismo para discutir o sincretismo religioso em Salvador e região metropolitana. A partir disso, o desaparecimento da imagem de Santa Bárbara nas vésperas da sua exposição, é pano de fundo para o embate entre Adalgisa e Manela, tia católica e sobrinha candomblecista, contra a intolerância religiosa, recebendo indiretamente a ajuda de Iansã, a santa desaparecida e transformada em orixá.

Então, por conta da temática e da riqueza de detalhes no que tange a descrição da cultura religiosa na Bahia por Jorge Amado, as duas obras se complementam ao representar os costumes dos cultos de matriz africana, e a narração com riqueza de detalhes dos cultos, membros, da culinária, dentre outras características.

### **3. Teoria dos Campos Lexicais**

Desenvolvida pelo linguista romeno Eugenio Coseriu, a Teoria dos Campos Lexicais permite estruturar o léxico de uma língua em campos e abrange a Semântica Estrutural ou Lexemática. O estudo busca organizar o conteúdo linguístico composto por significação, designação e sentido, já que, segundo a teoria:

Um campo lexical é um conjunto de lexemas unidos por um valor lexical comum (valor do campo) que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo lexical (Cf. COSERIU, 1981, p. 135)

Nessa direção, as lexias são organizadas a partir de uma mútua dependência em relação ao significado de cada uma, pois só fazem sentido como parte de um todo. Por isso, o que determina a posição de cada lexia na organização dos campos é a hierarquia, já que só no campo terão significação.

Em resumo, Coseriu (1981) caracteriza os campos lexicais como centrípetos em relação às palavras, ou seja, se movimentam para o centro do campo, se movem como uma roda. No campo lexical da religiosidade afro-brasileira em “Jubiabá” e “O sumiço da Santa”, a teoria permitiu a organização do léxico desse aspecto em vários campos lexicais, explíci-

tados nesta comunicação como culinária votiva, instrumentos musicais e hierarquia dos membros.

### 3.1. Metodologia

A metodologia para a concretização deste estudo se deu em três passos. O primeiro de caráter bibliográfico, abrangendo a leitura e o fichamento dos romances em análise, acerca da Teoria dos Campos Lexicais e de temas relacionados à religiosidade afro-brasileira. O segundo passo compôs-se da seleção de dados com auxílio da ferramenta *AntConc* (2014), desenvolvida pelo linguista Laurence Anthony, e teve como intuito facilitar o levantamento das lexias relativas ao campo em análise.

Por fim, o terceiro e último passo constituiu-se na análise dos dados levantados, assim como a definição de cada lexia a partir do uso no corpus e a retirada da abonação, isto é, do contexto em que a lexia foi utilizada pelo autor. A partir dos significados, deu-se a organização dos campos lexicais, classificados a seguir.

## 4. Campo lexical da religiosidade afro-brasileira: análise e classificação

O campo lexical da religiosidade compreende as lexias relativas aos aspectos das religiões afro-brasileiras. Nesse recorte, esses aspectos abrangem a culinária votiva, os instrumentos musicais e a hierarquia dos membros. Nesta seção, organizaremos as lexias de cada subcampo seguindo a hierarquia da Teoria dos Campos Lexicais, explicitada anteriormente. Para além, analisamos as lexias através do significado que depende das vizinhas conceituais em cada campo léxico, pois elas só terão sentido como parte de um conjunto. Ao todo, levantamos 50 lexias, estruturadas como no quadro 1:

Quadro 1: Macrocampo da religiosidade afro-brasileira: total de lexias.

<b>Campo Lexical</b>	<b>Total de lexias</b>	<b>Subcampos</b>	<b>Total de lexias</b>
Culinária votiva	18	<i>Salgados</i>	14
		<i>Doces</i>	04
Instrumentos musicais	08	<i>Membranofones</i>	05
		<i>Idiofones</i>	03
Hierarquia dos	24	<i>Cargos sacerdotais (feminino e masculino)</i>	11

membros		<i>Cargos intermediários (feminino e masculino)</i>	07
		<i>Cargos iniciáticos (feminino, masculino e dois gêneros)</i>	06

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao classificar as lexias em cada campo, apresentamos a palavra em negrito e caixa alta, seguida da classe gramatical, a definição, que leva em consideração o contexto de uso, e enfim a abonação com a referência do romance de Jorge Amado.

#### **4.1. Culinária votiva**

Compreende toda a culinária de origem afro-brasileira utilizada nos cultos religiosos de matriz africana, mas que fazem parte também da sociedade baiana. No campo lexical da culinária votiva, somam-se 18 lexias: 14 salgadas (*ebó, acacá, amalá, acarajé, abará, caruru, vatapá, efó, duburu, xinxim, arroz de hauçá, quitandê, pipoca e cusuz*) e 4 doces (*coçada, cusuz de tapioca, bolo de puba e mingau de puba*).

A comida votiva se diferencia da comida cotidiana, pois, para cada Orixá, a comida é preparada de forma diferente, segue um ritual singular capaz de atender as características comportamentais e preferência do orixá a ser alimentado. Durante o processo de preparo do manjar, aquele que recebe a missão deve seguir o rito já estabelecido proferindo palavras próprias para o orixá.

##### **4.1.1. Salgados**

**EBÓ** – (s.m.) Toda e qualquer comida ritualística oferecida aos Orixás, independentemente se é para agradar o Orixá ou para servir como despacho, por exemplo.

“Houve decerto quem a reconhecesse no Axé do Alaketu despachando um **ebó** de sangue para Iansã, dona de sua cabeça” (AMADO, 2010, p. 154. “O sumiço da Santa”).

**ACAÇÁ** – (s.m.) Comida ou alimento dos Orixás. Bolo feito com massa de farinha de milho branco ou arroz, cozido em água, sem sal e envolto em folhas de bananeira. É comida votiva do Oxalá, mas pode ser ofertada a qualquer outro orixá.

“Nos tabuleiros olorosos, os acarajés, os abarás, o peixe frito, os caranguejos, a moqueca de aratu envolta em folha de bananeira, o **acaçá** de milho” (AMADO, 2010, p. 59. “O sumiço da Santa”).

**AMALÁ** – (s.m.) Faz parte da culinária sagrada de Xangô. Comida votiva de Xangô e de Iansã (océ anual), de Obá, de Baiâni, de Ibêji e de Dou, feita de caruru com pirão de farinha de mandioca ou de arroz.

“Acompanhando-a nas visitas a parentes e a conhecidos, extensa gama de compromissos e ritos de amizade, às obrigações de santo, **amalás** de Xangô, carurus de Cosme e Damião [...]” (AMADO, 2010, p. 216. “O sumiço da Santa”).

**ACARAJÉ** – (s.m.) Bolinho da culinária afro-baiana, feito de massa de feijão-fradinho, frito em azeite de dendê, e que serve com molho de pimenta, vatapá, caruru, salada de tomate e camarão seco.

“Da casa do pai-de-santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no piscapisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade. Na porta, negras vendiam **acarajé** e abará” (AMADO, 2000, p. 89. “Jubiabá”).

**ABARÁ** – (s.m.) Pequeno bolo de feijão fradinho, condimentado com camarão e azeite de dendê, cozido em banho-maria, envolvido em folhas de bananeira.

“Na força dos seus dezoito anos fortes e malandros criara um grande prestígio entre as cabrochas da cidade, empregadas, lavadeiras, negrinhas que vendia acarajé e **abará**” (AMADO, 2000, p. 85. “Jubiabá”).

**CARURU** – (s.m.) Preparado à base de quiabos cortados, temperado com camarões secos, azeite de dendê, cebola moída. Em festas votivas, além de ser ofertado aos orixás Xangô ou Yansã ou os Ibejis (ou Erês), o caruru é também distribuído aos partícipes.

“Nos atalhos da tentação, nas ameaças da queda, nas trilhas da excomunhão, padre Abelardo Galvão viaja para o Carnaval dos franceses. Irá depois a um **caruru** de Iansã, mulher de Xangô” (AMADO, 2010, p. 334. “O sumiço da Santa”).

**VATAPÁ** – (s.m.) Purê de pão de véspera ou farinha de trigo, preparado com leite de coco, azeite de dendê, cebola, coentro, sal, amendoim, gengibre e castanha de caju, ralados ou moídos. O vatapá encontra-se no cardápio do caruru dos Erês (Ibejis) e em oferecimentos ao orixá Iansã, entre outros.

“[...] João Batista gastava seu francês puríssimo, pese a pronúncia sergipana: explicava-lhe caruru, **vatapá**, galinha de xinxim, quitandê e outros acepipes da cozinha afro-baiana, com conhecimento e satisfação” (AMADO, 2010, p. 365. “O sumiço da Santa”).

**EFÓ** – (s.m.) Iguaria feita à base de língua de vaca, taioba ou outras verduras maceradas. Do iorubá efó, “folha comestível”. É comida de Ogum, feita com caruru e ervas.

“Nas barracas atulhadas, ruidosas, as comidas de coco e de dendê: caruru, vatapá, **efó**, as diversas frigideiras e as diferentes moquecas, tantas!, galinha de xinxim, arroz de hauçá” (AMADO, 1988, p. 60. “O sumiço da Santa”).

**XINXIM** – (s.m.) Guisado de carne com camarão seco, azeite de dendê, amendoim e castanha. Geralmente servido em dias de cultos em terreiros de candomblé.

“Na sala tinham oferecido pipocas à assistência e lá dentro foi servido **xinxim** de bode e de carneiro com arroz-de-hauçá” (AMADO, 2000, p. 94. “Jubiabá”).

**ARROZ-DE-HAUÇÁ** – (s.m.) Prato da culinária baiana. Arroz em papa, sem sal e bastante apimentado, com carne-seca em pedacinhos quase torrados. Também é comida ritual das religiões de matriz africana.

“Na sala tinham oferecido pipocas à assistência e lá dentro foi servido xinxim de bode e de carneiro com **arroz-de-hauçá**” (AMADO, 2000, p. 94. “Jubiabá”).

**QUITANDÊ** – (s.m.) Iguaria a base de feijão fradinho com camarão seco, cebola, alho, coentro e azeite de dendê, mexidos no fogo até dar o ponto.

“[...] João Batista gastava seu francês puríssimo, pese a pronúncia sergipana: explicava-lhe caruru, vatapá, galinha de xinxim, **quitandê** e outros acepipes da cozinha afro-baiana, com conhecimento e satisfação (AMADO, 2010, p. 365. “O sumiço da Santa”).

**DUBURU** – (s.m.) Pipoca, comida votiva do orixá Omolu.

“[...] extensa gama de compromissos e ritos de amizade, às obrigações de santo, amalás de Xangô, carurus de Cosme e Damião, **duburus** de Obaluaiê [...]” (AMADO, 2010, p. 216. “O sumiço da Santa”).

**PIPOCA** – (s.f.) Grão de milho estourado com o calor. Comida votiva, oferecida em dias de rito nas religiões de matriz africana e para banho.

“Na sala tinham oferecido **pipocas** à assistência e lá dentro foi servido xinxim de bode e de carneiro com arroz-de-hauçá” (AMADO, 2000, p. 94. “Jubiabá”).

**CUSCUZ** – (s.m.) Preparado de milho hidratado com água e cozido no vapor.

“Sua mulher, Romélia, vendedora de acarajés e abarás, de **cuscuz**, amoda e punheta, de cocada-puxa e de cocada branca, anunciava o nome de cada participante [...]” (AMADO, 2010, p. 290. “O sumiço da Santa”).

#### 4.1.2. *Doces*

**COCADA** – (s.f) feita a base de coco e açúcar, podendo ter consistência dura ou mole. São oferecidas aos *Ibejis*, *Yemanjá* e *Oxum*.

“Sua mulher, Romélia, vendedora de acarajés e abarás, de cuscuz, amoda e punheta, de **cocada**-puxa e de **cocada** branca, anunciava o nome de cada participante [...]” (AMADO, 2010, p. 290. “O sumiço da Santa”).

**CUSCUZ DE TAPIOCA** – (s.m.) Massa doce feita com tapioca granulada, leite de coco e açúcar, não vai ao fogo. Prato da Umbanda.

“Para acompanhar o simples café com leite, cozinhará aipim, inhame, espigas de milho e fizera um **cuscuz de tapioca** ao leite de coco; aquele que não vai ao fogo” (AMADO, 2010, p. 183. “O sumiço da Santa”).

**BOLO DE PUBA** – (s.m.) Bolo feito de mandioca fermentada oferecido às mães de santo.

“Pela manhã, Damiana preparava caldeirões de massa para os **bolos de puba**, milho e aipim que espevitada leva de moleques mercadejava à tarde de porta em porta, para freguesia certa (AMADO, 2010, p. 51. “O sumiço da Santa”).

**MINGAU DE PUBA** – (s.m.) Mingau feiro de mandioca fermentada. Na Umbanda é oferecido aos *Pretos Velhos*.

“Antônio Balduíno vem sozinho pela rua. Tomou um copo de **mingau de puba** no terreiro. Junto da negra, homens conversavam sobre a greve” (AMADO, 2000, p. 191. “Jubiabá”).

#### **4.2. Instrumentos musicais**

Compreende os instrumentos musicais utilizados em cultos de religiões afro-brasileiras. No campo lexical dos instrumentos musicais, somam-se 8 lexias, divididas em 5 membranofones (*atabaque*, *rum*, *rumpi*, *lé* e *cabaça*) e 3 idiofones (*adjá*, *agogô* e *chocalho*).

Os membranofones são instrumentos de percussão constituído de couro de animal esticado sob o aro de madeira, o som é produzido por meio da vibração dessa membrana esticada, e os atabaques são destaques no terreno por serem considerados divindades. Já os idiofones também são instrumentos de percussão, mas o som é produzido pela vibração do próprio corpo do instrumento.

##### **4.2.1. Membranofones**

**ATABAQUE** – (s.m.) Tambor feito com pele de animal distendida sobre um pau oco e percutida com as mãos. Utilizados para marcar o ritmo das danças religiosas e populares de origem africana.

“Sons de **atabaque**, agogô, cabaça, chocalho. Música que não mudava, que se repetia sempre, mas que excitava doidamente” (AMADO, 2000, p. 92. “Jubiabá”).

**RUM** – (s.m.) Nos candomblés, o atabaque maior; ilu.

“Manela aprendeu as cantigas, sete para cada santo quando menos, os diferentes toques da orquestra de atabaques, **rum**, **rumpi** e **lé** [...]” (AMADO, 1988, p. 391. “O sumiço da Santa”).

**RUMPI** – (s.m.) Nos cultos afro-brasileiros, atabaque de porte médio, entre o rum e o lé; contra-rum.

“Manela aprendeu as cantigas, sete para cada santo quando menos, os diferentes toques da orquestra de atabaques, rum, **rumpi** e **lé** [...]” (AMADO, 1988, p.391. “O sumiço da Santa”).

**LÉ** – (s.m.) O menor dos três atabaques geralmente utilizados nos candomblés.

“Manela aprendeu as cantigas, sete para cada santo quando menos, os diferentes toques da orquestra de atabaques, rum, **rumpi** e **lé** [...]” (AMADO, 1988, p. 391. “O sumiço da Santa”).

**CABAÇA** – (s.f.) Cabaço coberto de um rendilho de lágrimas-de-nossa-senhora, usado como instrumento musical nos candomblés.

“Na sala estavam todos enlouquecidos e dançavam todos ao som dos atabaques, agogôs, chocalhos, **cabaças**” (AMADO, 2000, p. 94. “Jubiabá”).

#### 4.2.2. *Idiofones*

**ADJÁ** – (s.m.) Pequeno sino cerimonial. Campânula de metal com duas ou mais bocas tocadas pelo pai ou mãe-de-santo, nas cerimônias rituais a fim de facilitar o transe dos filhos de santo.

“Sorridente, comprazida, mãe Menininha entregou o **adjá** ao babalaô que o agitou conclamando os encantados” (AMADO, 1988, p. 35. “O sumiço da Santa”).

**AGOGÔ** – (s.m.) Instrumento de percussão que consta duas campânulas de ferro de tamanhos diferentes, unidas por cabo em forma de V, e que se percutem com vareta de madeira ou de ferro. São utilizados em rituais do candomblé jeje-nagô.

“Da casa do pai-de-santo Jubiabá vinham sons de atabaque, **agogô**, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no piscapisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade” (AMADO, 2000, p. 89. “Jubiabá”).

**CHOCALHO** – (s.m.) Instrumento de percussão que consiste em uma estrutura oca contendo pedras ou sementes, utilizado em cultos de religiões afro-brasileiras.

“Da casa do pai-de-santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, **chocalho**, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no piscapisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade” (AMADO, 2000, p. 89. “Jubiabá”).

#### 4.3. *Hierarquia dos membros*

São lexias que representam a organização própria dos membros das religiões de matriz afro-brasileira em ordem hierárquica e baseada nas funções de cada um. O campo lexical da hierarquia dos membros soma 24 lexias, classificadas em 11 cargos sacerdotais (femininos – *ialorixá*, *iá*, *mãe de santo*, *mãe do terreiro*, *ialaxé*; masculinos – *babalorixá*, *pai de*

santo, babalaô, obá, ojuobá e eluô), 7 cargos intermediários (femininos – *ia-quererê, equede, assistência*; masculinos – *ogã, axogum, alabê, cambondo*) e 6 cargos iniciáticos (femininos – *sacerdotisa, iaô, filha de santo, feita*; masculinos – *akirijebó*; dois gêneros – *ebômi*).

As lexias foram classificadas de acordo com critérios de gênero e a partir da hierarquia prevista nas religiões. Conforme Dourado (2010, p. 63), “um Terreiro de Candomblé é sempre dirigido por uma autoridade responsável, escolhida pelo Ifá, oráculo e orixá do conhecimento, da leitura dos destinos”.

### **4.3.1. Cargos sacerdotais**

#### **4.3.1.1. Femininos**

**IALORIXÁ** – (s.f.) Denominação que no Brasil se dá a sacerdotisa-chefe de uma comunidade de candomblé. O mesmo que mãe de santo.

“Ao painel de Carybé — negra desmedida com a face, o corpo e a elegância de Olga de Tempo, **ialorixá** do Alaketu — já se fez referência anterior, não cabe repetir” (AMADO, 1988, p. 240. “O sumiço da Santa”).

**IAÍ** – (s.f.) Título de mãe na hierarquia feminina do candomblé.

“O nome se ouve e se esquece, jamais se repete e ninguém o decora, somente a mãe e a filha, a **iaí** e a **iaô**, conhecem-lhe a pronúncia” (AMADO, 1988, p. 201).

**MÃE DE SANTO** – (s.f.) Sacerdotisa chefe de casa de culto afro-brasileiro.

“Tendo dançado em frente a Obá Aré, Oiá estranhou não estivesse o velho babalaô sentado no lugar que lhe cabia de direito, junto da **mãe de santo**” (AMADO, 1988, p. 34. “O sumiço da Santa”).

**MÃE DO TERREIRO** – (s.f.) Mãe de santo. No candomblé e na umbanda, mulher que dirige espiritual e administrativamente o terreiro, sendo responsável pelo culto aos orixás e entidades afins.

“**A mãe do terreiro** puxou o cântico saudando o santo: ‘Edurô dêmin lonan ô yê!’” (AMADO, 2000, p. 90-1. “Jubiabá”).

**IALAXÊ** – (s.f.) Ialorixá de ebômim que zela pelos axés e pela organização da casa de culto.

“No terreiro quase às escuras — apenas uma lâmpada de poucas velas derramava luz diminuta e amarelada —, acolitada por Cleusa e Carmem, iá-quererê e **175bomis**, sentada em seu trono mãe Menininha a recebeu” (AMADO, 1988, p. 292. “O sumiço da Santa”).

#### 4.3.1.2. *Masculinos*

**BABALORIXÁ** – (s.m.) Chefe espiritual e administrador de um candomblé, ou de um xangô, ou de certos centros de umbanda; babaloxá; pai de santo, pai de terreiro.

“Oiá entregou Adalgisa, a da Cangalha, ao **babalorixá** Luís da Muriçoca: cuide dela com desvelo” (AMADO, 1988, p. 368. “O sumiço da Santa”).

**PAI DE SANTO** – (s.m.) Chefe espiritual nos locais de culto de certas religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé.

“Jubiabá não veio à feira. Ainda é cedo para ele. Hoje é sábado e vai muita gente procurar o **pai-de-santo**. Gente que sofre” (AMADO, 2000, p. 235. “Jubiabá”).

**BABALAÔ** – (s.m.) Sacerdote de Ifá, aquele que tem conhecimento e autoridade para praticar a adivinhação por meio do Opelê-Ifá (jogo dos búzios).

“Sorridente, comprazida, mãe Menininha entregou o adjá ao **babalaô** que o agitou conclamando os encantados” (AMADO, 1988, p. 35).

**OBÁ** – (s.m.) Título honorífico atribuído a 12 homens no Candomblé Opô Afonjá, em Salvador (BA).

“O negro era Camafeu de Oxóssi, **obá** de Xangô, barraqueiro do Mercado, solista de berimbau [...]” (AMADO, 1988, p. 20. “O sumiço da Santa”).

**OJUOBÁ** – (s.m.) Um título de honra concedido a pessoas que se tornavam altos sacerdotes no culto de Xangô em África ou no candomblé no Brasil.

“[...] Carybé e Pierre Fatumbi Verger, **Ojuobá**, comboiando um filho de Elegbará [...]” (AMADO, 1988, p. 392. “O sumiço da Santa”).

**ELUÔ** – (s.m.) Adivinhador. Sacerdote, inferior ao babalaô, mas da hierarquia interna do candomblé, que funciona como ledor do futuro.

“O **eluô**, chegado da festa do Gantois, na noite da antevéspera, lhe segredara que o encantado estaria na cidade [...] (AMADO, 1988, p. 364. “O sumiço da Santa”).

### **4.3.2. Cargos intermediários**

#### **4.3.2.1. Femininos**

**IÁ-QUERERÊ** – (s.f.) Segunda e eventual substituta da mãe de santo, ou do pai de santo, na casa de culto e supervisiona as filhas de santo nas danças cerimoniais.

“[...] acolitada por Cleusa e Carmem, **iá-quererê** e 176bomis, sentada em seu trono mãe Menininha a recebeu” (AMADO, 1988, p.292. “O sumiço da Santa”).

**EQUEDE** – (s.f.) O mesmo que Cambona (o) – Auxiliar sagrado dos rituais de Umbanda.

“Não a esperavam, mas não houve surpresa ou rebuliço, apenas o som dos atabaques cresceu, e na roda dos santos 176bomis, **equedes** e iaôs curvaram-se em reverência” (AMADO, 1988, p. 33. “O sumiço da Santa”).

**ASSISTÊNCIA** – (s.f.) Conjunto de pessoas que vão até os Terreiros de Umbanda em dias de Gira aberta para conversarem com os médiuns incorporados em Caboclos, Pretos Velhos etc.

“Os negros, as negras, os mulatos, o homem calvo, o Gordo, o estudante, toda a **assistência** animava o santo: –Ôkê! Ôkê!” (AMADO, 2000, p. 91. “Jubiabá”).

#### **4.3.2.2. Masculinos**

**OGÃ** – (s.m.) Título nagô-queto, dado aos membros do terreiro que são escolhidos pelos orixás para exercer uma função civil, podendo desempenhar papéis especificamente religiosos no contexto sagrado.

“[...] Veio e reverenciou Jubiabá que estava no meio dos **ogãs** e era o maior de todos os pais-de-santo” (AMADO, 2000, p. 91. “Jubiabá”).

**AXOGUM** – (s.m.) Espécie de Ogã que tem como função sacrificar animais para os Orixás.

“Fechara os olhos no momento em que a faca de ponta, manejada pelo **axogum**, cortou a vida e o berro da cabrita” (AMADO, 1988, p. 154. O “O sumiço da Santa”).

**ALABÊ** – (s.m). Chefe dos tocadores de atabaque e é sempre o tocador do rum e ocupa o posto de ogã.

“No caruru sobravam tocadores, um **alabê** se apresentou” (AMADO, 1988, p. 366. “O sumiço da Santa”).

**CAMBONDO** – (s.m.) Em alguns candomblés angola-congo e de caboclo, tocador de atabaque.

“Além de ogãs de muitas outras casas de santo, compareceram o babalaô Nezinho, o babalorixá Luís da Muriçoca [...], Ojuobá, comboiando um filho de Elegbará, vindo de Cuba, via Paris, de nome cristão Severo Sarduy, **cambondo** das palavras” (AMADO, 1988, p. 392).

### 4.3.3. *Cargos iniciáticos*

#### 4.3.3.1. *Femininos*

**SACERDOTISA** – (s.f.) Mulher consagrada ao culto de uma divindade.

“Os ogãs são importantes, pois eles são sócios do candomblé, e as feitas são as **sacerdotisas**, aquelas que podem receber o santo” (AMADO, 2000, p. 90. “Jubiabá”).

**IAÔ** – (s.f.) Filha de santo que experiência transe, ou iniciada em reclusão.

“Oia prendeu tio Danilo junto ao coração e lhe entregou o eiru para significar que ele seria seu pai pequeno e no leilão das escravas compraria a liberdade da **iaô** por dez réis de mel coado” (AMADO, 1988, p.291. O “O sumiço da Santa”).

**FILHA DE SANTO** – (s.f.) Noviços de ambos os sexos, postos em reclusão por três ou sete semanas, sozinhos ou em grupos, período em que

se submetem a certos ritos secretos, que completam a sua iniciação religiosa.

“[...] flor da raça brasileira a cumprir sua obrigação de **filha de santo** na procissão das águas de Oxalá” (AMADO, 1988, p. 69. “O sumiço da Santa”).

**FEITA** – (s.f.) Denominação do iniciado no culto dos orixás, representando um renascimento.

“[...] E os santos dançavam também ao som da velha música da África, dançavam todos os quatro entre as **feitãs** ao redor dos ogãs” (AMADO, 2000, p. 94. “Jubiabá”).

#### **4.3.3.2. Masculinos**

**AKIRIJEBO** – (s.m.) Freqüentador de vários terreiros de Candomblé sem se fixar em nenhum.

“[...] os mandingueiros, os que estão em todas as águas, os confirmados, os babalaôs e os eluôs, os **akirijebós**, os compadres do Compadre [...]” (AMADO, 1988, p. 350. “O sumiço da Santa”).

#### **4.3.3.3. Dois gêneros**

**EBÔMI** – (s. 2g.) Estatuto da filha ou filho de santo cuja iniciação ocorreu há sete anos.

“No ilê axê ibá ogun, em quarenta dias de camarinha, Adalgisa pagou à cabeça sete anos de desleixo, de obrigações que o abicum deixara de observar. Entrou iaô, saiu **ebômi**” (AMADO, 1988, p. 400. “O sumiço da Santa”).

### **5. Considerações finais**

Em conclusão, o estudo dos aspectos da religiosidade afro-brasileira em “Jubiabá” e “O sumiço da Santa” evidenciou a representação da cultura afro-brasileira através do vocabulário empregado nos dois romances analisados. No primeiro, as lexias designativas da religiosidade influenciaram na trajetória do personagem principal e em questões políti-

co-sociais. Já no segundo, demonstraram a dualidade religiosa na cidade de Salvador e caracterizaram as manifestações culturais.

Por conseguinte, o campo lexical da culinária votiva expôs os costumes e crenças que envolvem os alimentos e a sua importância nos cultos afro-brasileiros, mas também a influência dos pratos, tanto salgados como doces, na cultura social baiana. Ademais, o campo lexical dos instrumentos musicais marca o ritmo dos cultos religiosos para os orixás cultuados e são símbolos de resistência dos membros das religiões de matriz africana, marcam também o sentimento de comunidade. Finalmente, o campo da hierarquia dos membros demonstra a organização própria dos centros religiosos, onde os sacerdotes escolhidos são tratados com respeito e reverência pelos cargos intermediários e iniciáticos, seguindo o critério dos anciões, mas para isso, todos devem ter passado pelo processo de iniciação após ter cumprido “obrigações”.

Dito isso, as lexias analisadas e organizadas neste estudo lexicográfico expressam a representatividade das religiões de matriz africana nos dois romances de autoria do escritor baiano Jorge Amado, fonte de conhecimento da cultura baiana e dos costumes de religiões como o Candomblé e da Umbanda, membro assíduo, defensor e respeitado por elas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, de Aléia. *Afinal o que são idiofones, membranofones, cordofones e aerofones?* Museu Virtual de Instrumentos Musicais. 31 out. 2015. Disponível em: <https://www.mvim.com.br/em-pauta/e-afinal-o-que-sao-idiofones-membranofones-cordofones-e-aerofones/>. Acesso em: 14 out. 23.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*; ilustrações de Carybé. 58. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

AMADO, Jorge. *O sumiço da Santa*: uma história de feitiçaria. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010 [1988].

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Versión española de Marcos Martínez Hernández. 2. ed. Madrid: Gredos, 1981.

DOURADO, Lise Mary Arruda. *Ifá lexical*: o léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I – Salvador, 2010. 190f.

SILVA, Luana Cristine da. *Cultura e religiosidade em O sumiço da Santa*: um estudo lexicológico. TCC (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia. Salvador, p. 61. 2021.

Outra fonte:

ANTHONY, L. (2022) AntConc (Versão 4.2.0) [Software de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2014. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 14 out. 23.